

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 5 DE JUNHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 75.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL
História dos sete dias.....	TÓB.
Política e políticos.....	R. CORREA.
A Horacio Flacco, soneto	P. TALMA.
Theatros.....	A. GUANABARA.
A Comédia do Amor.....	A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	E. DE BARROS.
Nossos olhos, poesia.....	A. PALHETA.
Bellas Artes.....	A. MENDES.
No meu presente, soneto.	L. M. BASTOS.
Sport.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	48000
Anno.....	88000

Nas livrarias dos Srs. Faro & Nunes, Garnier, Laemmer; nos cafes da Imprensa e Brazil, e em todas as nossas agencias estão á venda exemplares do supplemento illustrado do n. 73 d'«A Semana,» a 200 reis cada um.

Os Srs. assignantes que tiverem direito a premios são rogados a enviarnos o competente sello para a prompta remessa dos referidos premios.

Compram-se nesta redacção exemplares do n. 6 d'«A Semana,» a 500 reis.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 68000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a quem têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de maio.

Deixaram de ser agentes d'«A Semana,» em Campinas, os Srs. João Azevedo & C. a quem a empresa d'esta folha agradece os valiosos serviços que lhe prestaram.

Substituem-n'os os Srs. Moreira & Irmão..

Foi exonerado do cargo de agente geral d'esta folha o Sr. Leonel Ayres Guerra, que se acha actualmente em S. Paulo.

A esse nosso ex-agente foram retirados todos os poderes que lhe haviamos dado para nos representar fóra da capital do imperio.

D'ora avante devem os Srs. sub-agentes e todas as pessoas que tiverem negocios com esta folha dirigir-se directamente ao gerente.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Sarah Bernhardt! Sarah Bernhardt! Eis o grande nome e o grande assumpto.

A celebre actriz franceza empolgou todo o enthusiasmo publico e concentrou todas as atenções. Na minha qualidade de critico subalterno e de chronista da semana, declaro-me perplexo para tratar de Sarah como actriz, embora esteja também atrapalhado para tratar d'ella como assumpto.

Estou atrapalhado para encaral-a sob este ultimo ponto de vista, por me não haver a *Semana* comettido a tarefa de me *attachar* á grande artista.

Nesta especialidade ninguém levou nem leva as lampas ao *Paiz*. Este excelente e conspicuo *diario* organizou um serviço de informações de Sarah Bernhardt, verdadeiramente superior a todo elogio. *Attachou-lhe* um *reporter* especial, imprimio-lhe um retrato, e todos os dias nos dá noticias do *Turco* e das excursões venatorias e cynegeticas da grande actriz.

Graças ao *Paiz*, a gente sabe a que horas a Sarah almoça, janta, ceia, acorda e dorme.

E não é só isto. O *Paiz* informa-nos de que ella caça com *fuzil*, o que dá a entender que petisca lume com uma espingarda.

Alem d'isso O *Paiz* suscitou uma questão interessante, que ha de ficar na chronica pittoresca d'estes bons tempos:—a questão *mademoiselle-madame*.

Sobre esta importante questão desaccordaram-se os criticos; um opinava que Sarah, apesar de ser casada, devia ser tratada por *mademoiselle*; objectavam outros que o tratamento devido a Dona Sol era de *madame*. Com estes ultimos estavam de accordo todos os lexicóns francezes. O que apenas faltava para acabar com as duvidas era a opinião da propria Sarah. Essa opinião não se fez esperar: em todos os annuncios da empresa Ciacchi, na distribuição dos papeis, pôde ler-se:—«La Princesse Fedora Romazoff—MME. Sarah Bernhardt; Marguerite Gauthier—MME. Sarah Bernhardt.»

Ora, está claro, se Mme. não quizesse ser tratada assim, não consentiria que assim a tratasse o seu empresario.

Está, pois, para o publico, cortada a questão de meio a meio.

— *Nous vous en remercions, Madame.*

Houve nesta semana tres conflictos interessantes: do Dr. Erico Coelho com o Dr. Pedro Paulo; do Senador Silveira Martins com o deputado Lucena, e do Dr. Joaquim Nabuco com o padre João Manoel, deputado.

O primeiro, travado entre os dois illustres lentes de obstetricia da Faculdade de Medicina, teve por causa a *Chronica da Semana da Gazeta* de domingo ultimo. Foi uma questão particular discutida em publico—o que muitas vezes tem acontecido—e deu em resultado a renuncia do Dr. Pedro Paulo ao seu logar de lente substituto da Faculdade.

Em toda a questão foi o que houve mais para lamentar.

Os estudantes de medicina perderam um mestre illustre e habilissimo, e o Sr. Dr. Erico Coelho nada ganhou com a cousa.—*Cousa* é expressão do seu artigo publicado hontem.

Foi mais patusco o conflicto Gaspar-Lucena.

O deputado disse o diabo do senador, e o senador, retaliando, chamou... chamou... Ora adeus! chamou *burro* ao deputado.

Para isso, como *burro* não é expressão parlamentar, o Sr. Silveira Martins servio-se do velho processo politico: correu ao La Fontaine:

*Un petit bout d'oreille echappé par malheur...
Decouvert le fourbe et Perreur...*

depois disse que estava vingado pelo discurso do Sr. Lucena.

«Era natural. Como Lucena ha Lucena: e elle, por aquella metamorphose (a de «certo animal que vestio a pelle do leão»), tomou a forma primitiva, deitou as orelhas sobre o cogote, encolheu-se todo e deu com os pés para traz.»

Mais claro do que isto nem a tinta preta. O parlamentarismo brasileiro, no seu templo mais venerando e mais augusto, no recinto da ancianidade politica, foi honrado pela presença de um dos mais conspicuos personagens de La Fontaine. As *Fabulas* passaram a ser a maior necessidade do Parlamento. O Governo deve fazer da edicção de luxo de David Corazzi uma grande encomenda para as duas camaras.

Desta maneira illustrar-se-ão os dignissimos representantes em La Fontaine e não se repetirá o caso triste do Sr. Anizio.

O conflicto Nabuco-João Manoel não teve ainda decisão.

Está dependente da resposta que o primeiro der ao artigo de ante-hontem do segundo. Essa resposta foi hontem anciosamente esperada e não appareceu. Veremos se apparece hoje e se o conflicto, para gaudio da chronica, se prolonga pela semana que vae começar.

— Qual é o cumulo do roubo?

— E' roubar a policia.

Pois foi o que quasi aconteceu no sabbado passado, segundo uma noticia, sem grammatica, dada pelo *Jornal de domingo*:

« TENTATIVA DE ROUBO — Nem a propria policia respeitam os gatunos.

« Hontem, pela manhã, appareceu forçada a porta de uma saleta do 2º andar da repartição da policia, que communica para o cartorio do escrivão da segunda delegacia.

« O gatuno começou o seu trabalho e não o terminou, talvez por medo de ser presentido. A tranca que estava de traz da porta foi arrancada do lugar; a porta, em que *havião* visiveis signaes de violencia, e que estava fechada pelo lado de dentro do cartorio, estava fechada.»

Este facto é muito mais importante do que á primeira vista parece. Elle demonstra claramente que os honrados gatunos não tem nenhum respeito á policia, ou que na policia ha gatunos.

Não está segura a segurança publica. Eu ainda tenho esperança de vir a saber que o Sr. Dr. Coelho Bastos se foi queixar ao celebre *Carrapeta* de que lhe furtaram a carteira. E será o *Carrapeta* quem tomará conhecimento do facto e dará providencias afim de ser capturado o gatuno, isto é — o permanente.

E não houve mais nada digno de nota. Continúa em ebulição o assumpto Sarah Bernhardt, o assumpto — *monstro*. Agora perseguem-na, além do já celebre *attachado*, os microbios do calembourg. Temos ouvido os conhecidos *sara-pintada, saracura, sarabanda* e, ainda hontem, no bonde, um conhecido me disse que não iria nunca ao S. Pedro de Alcantara, para não ver — *assar* a Bernhardt!

Commovente e doloroso!

Eu aconselho, gratuitamente, resignação, muita resignação...

FILINDAL

POLITICA E POLITICOS

As occurrencias da semana politica quasi que se condensaram no senado; e, d'entre essas, avulta o projecto que o Sr. senador Dantas apresentou, decretando a libertação dos escravos no periodo certo de cinco annos.

Antes de me occupar d'este assumpto, passarei em revista os outros pequenós acontecimentos, deixando o melhor e maior para o fim d'estas observações com que faço jus a eminente logar na politica futura.

Entrou em discussão na Camara a falla do throno. O Sr. Affonso Celso Junior disse com muita verdade que esta discussão é uma das nugas mais ridiculas d'esta curiosa engenhoca a que vulgarmente chamam *systema representativo*. A *falla* é escripta pelo ministerio, — a resposta é dictada pelo mesmo ministerio; variam apenas os órgãos vocaes, que, para a primeira, é Sua Magestade, e para a segunda, é a Camara. De modo que as duas imagens empregadas por aquelle distincto moço deputado são de uma oxactidão profunda; a Camara faz o papel de *phonographo*, porque a resposta que dá não é só pelo *théor* da pergunta, como é do inteiro *théor*; a Camara e Sua Magestade fazem os papeis de *titeres* de *theatro* que recebem voz para a per-

gunta e para a resposta de um só *ventriloquo* — o ministerio.

Na discussão d'esta *falla*, fallaram pela opposição os Srs. Candido de Oliveira e Affonso Celso Junior; representando sua propria peaoa, o Sr. Rodrigues Junior, que continuou a affirmar que é liberal de todos os tempos (e é bom que S. Ex. o repita, para vér se ainda ha alguém que o acredite); e pela maioria... o Sr. barão de Cotegipe, duas vezes!

E' notavel este facto, e cae bem ali aquelle ponto de admiração. Pois em uma Camara como esta, cheia de tantos e tão entusiasticos amigos do Governo, não ha nem uma debil e fraca voz que se levante no momento solemne para defender em toscas phrases a resposta á falla do throno? Pois *obrigam* assim o Sr. presidente do conselho a tomar a palavra em dois dias seguidos? Pois vae realmente acontecer este curioso facto, excepção nos annaes parlamentares, de ficar encerrada uma falla do throno sem que fallasse um só membro da maioria?

Parece, entretanto, que tudo isto tem explicação natural: O Sr. Ferreira Vianna é o relator da resposta; a S. Ex. competia fallar em primeiro logar depois do membro da opposição que fallasse em seguida ao Governo — e esse logar foi tomado pelo Sr. Cotegipe. Ao Sr. Andrade Figueira deram a rolha da cadeira presidencial; a rolha do Sr. Ferreira Vianna é a *verborraghia* do presidente do conselho.

Vamos agora ao projecto do Sr. senador Dantas.

O mecanismo d'este projecto é facil: extingue a escravidão em cinco annos; extingue a obrigação de serviços dos ingenuos no mesmo prazo.

A *Semana*, quando convidou a occupar esta secção o humilde *Tob*, signatario d'estas linhas, teve a gentileza de deixar-lhe liberdade de opiniões pessoas. Vem a proposito esta declaração para que não pensem que a illustrada direcção superior d'esta folha concorda com as observações que vou fazer; não sei se ella concorda ou deixa de concordar.

Para mim o projecto do illustre senador tem não poucos defeitos. Em primeiro logar, esta questão de abolição não é uma questão de arithmetica. Eu compreendo uma lei abolindo immediatamente a escravidão, mas não sei o que quer dizer isto de dar prazo de quatro ou cinco ou de seis annos, sem razão que justifique esse tempo.

Cinco annos dados ao lavrador, para preparar a transição, é um prazo tão inutil como seria o prazo de dez ou de dois annos. O lavrador ha de manter o *statu quo* até a vespera da abolição, para no dia seguinte ficar na mesma inercia em que anteriormente estava.

Dadas certas condições no estado da sociedade, a revolução inesperada, produzida por uma libertação immediata, havia de causar muitos males, — mas á tona d'esse mar appareceriam grandes beneficios. O facto traria por sua natureza a necessidade de quebrarmos esta preguiça, esta indolencia, que são parte integrante do nosso funcionamento. Esperar, porém, cinco annos, ou dois ou dez, contar com esse facto determinado — isso faria uma situação muito mais perigosa do que a libertação immediata.

O projecto applica ainda os 5% de impostos addicionaes, votados na lei do elemento servil, á despeza publica do Estado, e assim tambem desvia o sacrificio feito pela nação em favor da

liberdade dos escravos. Estes ficariam ainda prejudicados com aquelle projecto, e principalmente os sexagenarios, obrigados á prestação de serviços durante um certo tempo, sempre menor de cinco annos.

A Camara reelegueu hontem a sua mesa, e assim cahiram por terra os boatos que corriam a respeito do Sr. Andrade Figueira.

Em todo caso, S. Ex. ficou sabendo que ha 14 correligionarios desgostosos: 7 que votaram em branco e 7 que votaram no Sr. Gomes de Castro,

T.O.B.

A Horacio Placco

Julgo eu que, sem tua sabia e conselheira Muza, mais invejavel é... (não digo Que o dom de até no ardor, provento amigo, Ser sempre a mesma: — sóbria e verdadeira;

Nem digo, que esse engenho e essa maneira Com que ella das virtudes o aureo trigo Ceifado ao campo do bom senso antigo, Pingue, abastoso e ubérrimo, joeira...)

Mais invejavel digo que é, e julgo A sciencia não vulgar de, em companhia D'ella, e olvidado do profano vulgo,

Dentro em ti proprio, acháres essa pura Paz de espirito e essa intima alegria, Que, de balde, entre os homens se procura.

RAYMUNDO CORRÊA

THEATROS

SARAH BERNHARDT

Por occasião da partida da eminente artista para este paiz, foi elle honrado por dois distinctos jornalistas francezes com a qualificação de *pays de sauvages*; qualificação, que, longe de nos attingir, como offensa, não nos surpreendeu por não ser nova.

Se é certo que a vida litteraria e artistica de um povo é a mais importante e a mais significativa manifestação do seu adeantamento social e do estado de sua civilização — e é esse um ponto incontroverso — não pôde o Brazil, sem grande injustiça, ser considerado — paiz selvagem. Deixo de parte a comprovação d'este asserto quanto á vida litteraria, por não ser opportuna. Em materia de *theatro*, especialmente, a platéia do Rio de Janeiro tem dado sempre e sempre provas inequivocas de que sabe distinguir o que é bom do que é máu, não constando até hoje que algum artista verdadeiramente notavel tenha passado por aqui sem receber a homenagem devida ao seu merecimento. Salvini, Rossi, Taborda, Brazão, Antonio Pedro, Andó, Ristori, Paladini, Pezzana, Tesserò, Emilia das Neves, Lucinda Simões, Duse, Checchi, para só me referir a artistas dramaticos, receberam no palco fluminense com as ovações da platéia a consagração feita aos seus talentos nos seus paizes e nos estrangeiros.

Nem um d'esses artistas poderia, sem feiissima ingratitude e clamorosa injustiça, partir do Brazil considerando-o — um paiz de selvagens.

A vinda a elle d'essas notabilidades prova mesmo o contrario, pois nem

um artista do merecimento d'aquelles que deixei mencionados procura um paiz onde saiba que possa ser desconsiderado e incomprehendido.

Se alguma censura nos pode ser feita neste assumpto, é ella a do escrupulo e do rigor, ás vezes excessivos, com que recebemos e julgamos os artistas estrangeiros que nos visitam.

O nosso publico, ao ouvir o estrugido das trombetas da fama com que lhe annunciam de alem do Atlantico a vinda de uma colebridade, põe-se de sobre-aviso, retrae-se em prudente reserva, e recusa-se altivamente á compra de nabos em sacco, como vulgarmente se diz.

Provas d'esses assertos foram: o triumpho alcançado aqui pela grande Duse Checchi, que viera modestamente, desprezada dos tamborins da *réclame*, e que conseguiu impor-se nos unicamente pelo seu prodigioso talento e pelo seu merito real; e agora, — Sarah Bernhardt. Esta artista, — acclamada por toda a Europa e por parte da America como a figura mais notavel do theatro contemporaneo; cujo nome tem hoje reputação universal, e tão grande que um collega nosso ha dias negou ao Brazil o direito de fazer-lhe a critica, impondo-lhe o dever de applaudil-a sem exame, como um dogma que não pode ser acceito com discussão, — Sarah Bernhardt encontrou em o nosso publico o mesmo publico precauto, reservado, criterioso e prudente, que correu pressuroso, em massa, ao theatro, enchendo-o completamente, — mostrando assim que sabia que especie de artista ia ver, — mas que manifestou não julgar conveniente, ainda d'essa vez, admirar *por conta*, antes de conhecer.

São os applausos conscientes, providos da audição attenta, do exame desprevenido e sério, são esses applausos os que devem lisongear artistas como Sarah Bernhardt.

Em summa: — o publico fluminense mostrou-se na altura de receber a grande artista e ha de provar-lhe que as palmas e as flores d'estes *selvagens* valem tanto como as da fulgurosa Pariz. E estou certo que Sarah Bernhardt, ao terminar a sua estação nesta capital, ha de estar fatigada de agradecer á nossa platéa flores — que elle não barateia, — palmas, que só o enthusiasmo lhe arranca.

FÉDORA

Foi com esta peça do mestre Sardou que se estreiou aqui, na penultima e na ultima vez que veio ao Brazil, Lucinda Simões; foi com a *Fedora* que se estreiou Duse Checchi, foi com a *Fedora* que se estreiou Sarah Bernhardt; ainda na *Fedora* apresentou-se-nos á proximamente a actriz Virginia, da companhia do theatro de D. Maria II.

A' vista d'isso fica sendo a *Fedora* a peça de exame — como bem lhe chamou a *Gazeta de Noticias* — das artistas dramaticas que nos procuram, como o tem sido o *Kean* para os actores. E ella tem para isso todas as qualidades; mas especialmente para n'ella estreiar-se Sarah Bernhardt, pois que para ella foi escripta expressamente, preparando-lhe o auctor no papel da princeza russa uma justa e esplendida *lupa* para o seu extraordinario e peregrino talento artistico.

A entrada de Sarah no palco do theatro S. Pedro fez percorrer galerias, camarotes e platéa um frêmito susurrante de commoção: a todos impressionou vivamente; e uma tempestade de palmas têt-a-ia saudado se as suas primeiras manifestações não houvessem sido abafadas pelos psios de alguns pe-

dantes que não admittêm applausos sem sua permissão, — como bem observou Arthur Azevedo.

Os espectadores soffreram, vendo a grande artista, uma enorme surpresa... agradável.

A desbragada e incorrigivel *blague* franceza havia-nos acostumado á ideia de que Sarah era uma mulher magrissima, *indecotavel*, feia e avelhentada. Pois a Sarah que ali estava, decotada esplendidamente, era inoça, tinha carnes, tinha rosto cheio, espaduas razoavelmente roliças e — cóllo!

A sua physionomia, sem ser bella, é extremamente agradável á vista: um bello typo judaico, de linhas puras e distinctas, o nariz de um talhe hebraico, um nariz formosissimo, os olhos pequenos mas vivissimos, expressivos e impressionáveis e uma bocea adoravel: — nacarina porta de uma gruta encantada, guarnecida e guardada por dentes alvissimos e perfeitos, na qual brincam sorrisos angelicos e faiscam ironias, como fagulhas de rubins ao sol; gruta, em cujo interior mora uma sereia invisivel, de voz maravilhosa, que tem todas as musicas, desde o arrulho das rolas e dostrilos dos rouxinões até ás dos ventos tempestuosos que sibillam, vergastando as arvores, e ao surdo rugir das vagas em furia, rebentando em bofetadas na areia.

Oh! a voz de Sarah, a famosa *voix d'or*!

Todos esses encantos — de que poucas noticias exactas tinhamos — completam-se com a cabelleira loira, esplendidissima, que parece feita pelas mãos de Penelope com os mais delicados e mais finamente luminosos raios do sol. Juntae a tudo isso uma elegancia *equise*, maneiras distinctissimas, e um *ar* de meiguice e de dignidade ineffaveis, e tereis comprehendido a emoção, a surpresa, o *hébètement* inesperado, a tal surpresa, emfim, de que vos falei.

Logo ás primeiras palavras conquistou todas as sympathias.

Não tenho espaço para acompanhar todo o trabalho da eximia actriz na *Fedora*. Direi por isso apenas que no minimo gesto, na maneira de dizer a mais simples phrase, de modular a mais ligeira palavra, na mais leve expressão physionomica, no mais breve sorriso, revela-se artista consummadissima, inexcédível, artista em toda a significação da palavra. Como ella *ouve*! Como que se lê, gradualmente, nos traços de seu rosto e na expressão de seus olhos, a gestação das idéias e dos sentimentos que lhe vão produzindo as cousas que ella está ouvindo.

Inenarravel a luta do pezar pela morte de Wlademiro e com desejo de vingal-o; a voz com que fulmina o covarde, (como ella rugé aquella palavra — *lâche!*) que matou o seu noivo; a raiva e a resolução com que jura vingar-lhe a morte, e o ulular horrifico com que o pranteia ao sentil-o cadaver; inenarravel o conflicto entre o asco e o aneio vindicativo por Loris, o assassino de seu noivo, e a crescente, inexplicavel e irremprimivel *sympathia* — germen fecundo de um amor immenso — que, com pasmo e indignação d'ella mesma, percebe que vaé sentindo por elle; inenarravel o movimento de nojo e odio com que *limpa* da luva o beijo de Loris; inenarravel a morte pelo envenenamento — emfim: todo o seu trabalho na *Fedora* é uma verdadeira maravilha artistica, impossivel de descrever-se.

Apenas uma restricção, ou antes uma observação, a que só darei character de definitiva, depois de ouvir Sarah em outras peças: — notámos que a impressão geralmente causada pelo seu

trabalho foi a da admiração « sem enthusiasmo »; o assombro « sem sensibilisamento, » que os espectadores, em sua maioria, não se commoveram. No dia seguinte, 2, apresentou-se-nos a grande artista em

A DAMA DAS CAMELIAS

É facil de imaginar a anciedade com que a platéa a esperava nesta peça, que é a pedra de toque de todas as grandes actrizes e em que, ha um anno, se tanto, nos arrebatou, nos fez delirar de enthusiasmo, a genial Duse-Checchi.

A altiva Romazoff desapareceu para dar logar á travessa, á meiga, á risonha, á sublime impudica — virgem de coração — á infeliz Margarida Gauthier. Que transformação! Ao vel-a entrar, — admiravelmente vestida, braços e hombros nus, risonha, voluvel, olhos, labios e voz de uma frescura de flores e de gorgeios d'aves em madrugada de primavera, — ninguem se lembrou de certo, de que Sarah pudesse ter mais de 20 annos.

Encantadora na scena da ceia e no dialogo com Armando.

Todo o primeiro acto foi um mimo!

As scenas que mais impressionaram foram: — cito apenas algumas — a conferencia com o velho Duval, a da carta a Armando, a sahida para o jardim, disfarçando as lagrimas com sorrisos, a grande scena do quarto acto e todas as do quinto. Em todo este ella foi prodigiosa, sublime!

Que agonia! que morte! que estupefaccão trabalho! Foi ahi, somente ahi, que Sarah tomou inteiramente posse do publico. Mas conquistou-o devéras, definitivamente.

Um triumpho completo.

Ouso observar, no emtanto, contestando o propecto critico do *Jornal do Commercio*, que nesta peça Sarah sacrifica por vezes a natureza aos effeitos puramente artisticos, produzindo o bello, mas com o sacrificio do *verdadeiro*.

Exemplos: — a sahida do terceiro acto; feita por aquella fôrma é inverosimil, pois Armando perceberia o que nella havia occulto de terrivel, e impedil-a-ia; a morte, em pé, encostada a cabeça ao hombro do amante, pois que, além de não ser verosimil que se morra do peito com força bastante para suster-se em pé, — o corpo, apenas tornado cadaver, devia tombar sobre si mesmo, desamparado, pois todos os membros distendem-se, affrouxam-se em abandono geral de massa inerte, logo em seguida á morte, só vindo depois a rigidez cadaverica; e mais — o abster-se de tossir durante toda a peça.

Nestes pontos Duse Checchi foi com certeza mais humana, mais verdadeira, embora menos artistica no effeito; porquanto, em fundo, parece-me que a verdadeira arte, mesmo a dramatica, é a que reproduz a verdade, a que imita a Natureza, com a subjectividade particular do artista.

Se não fosse o incidente lamentavel que se deu nesse spectaculo, não me referiria á companhia com que veio a grande Sarah, pois a referir-me a ella seria somente para dizer mal, muito mal. Mas aquella circumstancia obriga-me a isso.

Desde a primeira noite que o Sr. Felipe Garnier (que foi, ou é ainda, da *Comedia Franceza*) desagradou soberanamente. Todos acharam, com o meu collega Arthur Azevedo, que no papel de Loris Ipanoff « não vale dois caracteres: falta-lhe alma, falta-lhe distincção, falta-lhe paixão... faltam-lhe bigodes. »

Quando o vio entrar, um espectador murmurou ao ouvido do companheiro:

— O Loris, não podendo vir, mandou o criado.

Este dito de espirito synthetisa o que foi o desastrado Sr. Garnier na *Fedora*.

Pois, senhores, o homem — parece incrível! — ainda conseguiu ser peior na *Dama das Camélias*. Que Arnando Duval!

O desgosto do publico foi crescendo, acompanhado por surda indignação, que irrompeu violentamente, em forma de assobios e rufos de bengalis e tacões, no terceiro acto; manifestação essa em que só as galerias tomaram parte, embora os espectadores da plateia fossem tambem do parecer de que é insupportavel o Sr. Garnier.

A pateada foi depois coberta por applausos quando o homem voltou á scena para continuar o seu infeliz trabalho.

Esse incidente foi muitissimo commentado. Lamentamol-o como todos; mas temos alguma cousa a oppor aos que reprovaram a pateada pela razão de que o publico apenas foi ao «S. Pedro» para ver Sarah Bernhardt; que a empresa, não lhe tendo prometido senão Sarah Bernhardt, não tem elle o direito de exigir da empresa senão — Sarah Bernhardt. Não é tanto assim. A Sarah Bernhardt que vemos trabalhando com o Sr. Garnier não é, não pode ser a mesma Sarah que trabalhava em Paris com Bertou e Damala, pois que o trabalho de um artista depende sempre do do collega com que joga as scenas. Duse Checchi não seria, trabalhando com o Sr. Garnier, o mesmo que se nos mostrou representando com Andô; nem Sarah, representando com este, seria o que é trabalhando com o Sr. Garnier. Affirmar o contrario fora affirmar que ella trabalharia com equal brilhantismo se, em vez do Sr. Garnier, tivesse por companheiro um bonéco de cera e pau, de dar corda pelo umbigo.

Portanto, o publico, a quem a empresa prometteu a Sarah authentica, completa, unica, a Sarah de Paris, tem o direito de exigir que ella trabalhe com qualquer outro actor (não pede Bertou nem Damala) menos *felippe* que o Sr. Garnier.

Quanto ao resto da companhia e á *mise en scène*, subscrevo *in integrum* a opinião do commedido e prudente *Jornal do Commercio*:

«Dos artistas que cercavão antehontem a celebre actriz franceza, nenhum delles se mostrou acima do mediocre. Garnier, que dizem ser um laureado do conservatorio de Paris e que mereceu a honra de letras capitaes nos programmas, pareceu-nos, pelo menos antehontem, a mais perfeita e absoluta negação da arte dramatica. A sua emphase academica, a monotonia das suas inflexões, o metal da voz e o desagradavel da figura estabelecêrão uma nota discordante que desagradou a todos.

Pelo que respeita a scenario e accessorios, erão irrisorios, pobres, mesquinhos e de máo gosto: mas Sarah Bernhardt, como todas as obras primas da pintura, brilha com grande esplendor, apesar da mesquinhez do quadro que a emoldura!»

Admira como Sarah, que é tão exigente, que mandou fazer um camarim largo, forral-o de seda e mobilal-o com luxo, sugêita-se a representar com *mise en scène* tão pobre e accessorios tão descurados.

Doeu-nos vel-a na *Dama das Camélias* com flores — camélias inclusive — de panno!

Que deliciosas noites não passariamos se a grande Sarah representasse com Flavio Andô, sendo a *mise en scène* de Furtado Coelho! Que noites!

Mas... não sonhemos impossiveis.

Contentemo-nos com Sarah Bernhardt, *sólita, sólita*, como mol-a dão, que não nos contentaremos com pouco.

No Polytheama a companhia de opera buffa do Sr. Ferrari, depois do *Papá Martin*, ainda não nos deu peça nova.

Deu-nos, porém, uma triste novidade: não representará *A Donzella Theodora*, de Abdon Milanez.

Não sabemos qual o motivo que levou o Sr. Ferrari a tomar essa resolução; cremos, porém, que foi a indiferença do publico pelos espectaculos da sua excellente companhia.

Seja por que for foi muito grande a decepção que soffremos, nós todos que desejavamos ouvir, cantada por cantores, a bella e delicada partitura do nosso joven compositor.

Damos ao publico sinceros pezames por este acontecimento e recommendamos-lhe que quando apparecer por ahí algum outro Poli aproveite-o bem para mostrar, de uma maneira energica mas economica, o seu *ac ysolado patriotismo*.

E' preciso não deixar arrefecer o jubilo verde e amarelo.

Felizmente *A Donzella Theodora* continha a agradar no Sant'Anna, onde tem um desempenho muito rasoavel. Ultimamente tem sido representada com *A canção de Fortunio*, a delicadissima opereta de Offenbach, deliciosamente cantada pela Sra. Cinira Polonio, que é em cada noite mais applaudida pelo publico, que d'esta vez tem sabido fazer justiça a um bello talento nacional.

O *Excelsior*, firme nos pés prodigiosos da Giovanini, continua a deslumbrar os espectadores do Imperial Theatro.

Giovanini tem tido verdadeiras ovacões em todas as noites.

E são merecidas. Aquella famosa bailarina é um assombro inclassificavel entre os prodigios da arte, que ella parece ultrapassar, a poder de perfeição e de graça.

Ainda se conserva e se conservará na scena do Recreio *A Filha do mar*. O Dias Braga, com uma solicitude de todos os diabos pelo gosto do publico, já está preparando uma nova peça em 5 actos — *O az de páus*, escripta por um sobrinho do grande D'Ennery, que, ao que nos dizem, sae ao tio.

Disse-nos tambem um indiscreto que brevemente será representado neste theatro o famoso drama *D. Cezar de Bazan*.

E depois d'isto o publico, se fôr capaz, que não vá ao Recreio!...

Na Phenix temos tido o *Rocamble* e *A honra de um taverneiro*, peça do Vasques. Com ella fará brevemente beneficio a antiga Sra. Eliza, que nos dará tambem — *Um par de pés*.

P. TALMA

A COMEDIA DO AMOR

O AMANTE

Não, não foste tu que me seduziste... Nem bello és! Brilhas, mas com o brilho estúpido do diamante, que não tem consciencia de seu valor. A belleza está na consciencia. Saber que se vale muito é ser bello. Sempre a satisfação moral. No moral, reside tudo; o physico não vale nada. Não, não me enamorei de ti. E's pretencioso pensando que serviste á tua ama; serviste tanto como

os quadros que ella tem em sua sala, o sapato que ajusta o seu mimoso pé. Como ornamentação sim, como attractivo não. Um olhar não me prende, quer parta de uns olhos de mulher e banhe-me d'um banho electrico de amor, quer parta de uns olhos de facinora e me envolva n'um protesto de vingança. E' a parte espectacular que eu desprezo. Dramas, desejo-os a nú; odeio o apparatus.

Se amo aquella a quem pertences, faço-o, não por ti, mas apesar de ti. Que tenhas esta forma e este brilho ou outros quaesquer, me é totalmente indifferente. Eu amal-a-ia sempre, porque o moral me agrada. O que me seduz é a alma, e eu concebo a alma sem o corpo. Concebe-se a flor sem o vaso. E quando a flor é bella e digna de ser apreciada toda a gente o faz, quer o vaso que a contem seja de barro, quer seja de porcellana da China. Não, meu orgulhoso amigo, tu foste o vaso a que nem sequer attendi.

OS OLHOS

Mentes. Não se resiste ao meu brilho, que, aliás, é consciente. A prova de que o é, está nisto: — que te comprehendo e te respondo. Podia calar-me e fazer como fazem os olhos vulgares, pretos ou castanhos, verdes ou azues, que ornem o rosto de todas as mulheres: lançar-se um olhar. Em um olhar, não vae uma simples resposta: vae todo um systema, uma theoria completa. Mas prefiro explicar-me: porque quero que todos ouçam, todos, o nariz, a bocca, os cabellos, o ventre, a coxa, o pé. São meus collaboradores na obra de tua apprehensão e a elles cabe parte da gloria.

Dizia, pois, que mentes. A tua theoria é falsa e ridicula. Isso de flor e de vaso é muito velho: já o diziam poetas de 1830; não vale a pena combatel-o, E' a tua nota lyrica; guarda-a.

Não acontece isso com o teu modo de pensar sobre o physico. Para ti, o physico é o — scenario dispensavel, porque é materia inconsciente. Mas na materia reside a vida. A vida é isto: amar. E só se ama a materia. A vida assenta nesta tripode: amar, desenvolver, anniquilar. E tudo isso é materia, pura ou transformada, statica ou dinamica. Amar é o supremo gozo, é o amalgama dos dois sexos na bestialidade brutal e natural dos animaes. Desenvolver é o trabalho do corpo em virtude de si mesmo, é o brotar da ~~nova~~ carne, informe a principio, segmentada depois, repartida em seguida, origem d'um braço aqui, esboço d'um ventre acolá. Anniquilar é o termino d'essa materia, filha do gozo, creada no gozo, morta para gozo dos outros, dos infinitamente pequenos, que obedecem á lei geral, tripudiando deliciosamente na chaga roida em peitos de cadaveres. A vida é, pois, a materia; seu fim o gozo. Tu vives, logo és materia, logo tendes para o gozo. E' logico.

AS ORELHAS

Apoiado!

O AMANTE

Calae-vos. Sois estupidas como estúpida é a vossa collocação no rosto. Nada tendes de bello e tendes tudo de dispensavel. (Aos olhos) Continuae. Sois uns doudos, mas não importa, quero ouvir-vos.

OS OLHOS

Mentes, pois, dizendo que desprezas o corpo e adoras a alma. Disseste mais que não sou bello, não tenho consciencia. Ainda uma vez mentiste. O bello tem sempre consciencia de que o é. A adúltera de Bernadelli erguer-se-ia do marmore se alguém dissesse que era

feia. Tolerar-se que se proclame a falsidade, nunca a fealdade. A teta ri, o marmore agita-se, a palavra move-se quando são verdadeiramente bellas e o beocio os insulta achando-as disformes. E' proprio de sua natureza. A carne não, a carne faz melhor: attrae o imbecil e fal-o experimentar a sensação do realmente bello, obrigando-o a gozar a sensação de si mesmo. Transforma o beocio num abutre, a intelligencia num estomago. Vinga-se, obrigando-o a saciar-se. E' um homem intelligente a quem um asno insulta; dá-lhe a unica cousa de cuja apreciação o julga capaz: um jantar que lhe provoque indigestão. Tu és o asno, eu farto-te de carne. Toma! A unica cousa que te seduzio, em que te peze, foi o deslumbramento d'esta carne, a excitação irresistivel d'este corpo. Toma-o! Goza-o! Nisso está a vida. Historias tudo o mais; as philosophias são estupidas. Só existe o gozo; gosa!

O AMANTE

Não. A alma está acima da materia. A alma revive, furta-se á decomposição, evola-se e vae de novo animar outro corpo. Como isto é soberbo! Quebra-se o vaso, obtem-se outro: a flor lá está, sempre viva, sempre pura. Luz que bruxoleia sempre, quebre-se embora o lampadario! Nisso está o bello, pois que para que alguma cousa o seja, carece de ser eterna. E este caracter só o tem a alma...

A PERNA

E esta linha esplendida que me modela! Burile-a Praxiteles e, seculos depois, tu a contemplarás, tu a sentirás excitando-te os sentidos, fazendo-te o sangue affluir á garganta como um punho, tal como neste momento. Continúa.

O AMANTE

(Comsigo) E' curioso. Sinto-me entibiar. Aquella perna dansa-me na cabeça, excita-me, como se eu bebera falerno em casa de Aspasia! (Aos olhos) Só a alma é eterna, portanto só reside o bello na alma, porque a alma é a virtude é para mim a virtude é a synthese de tudo. A virtude é o caracter. Em que a materia se pôde equiparar ao caracter? Onde a firmeza, a rijeza de que elle se orgulha?

OS SEIOS

Em nós. Vê: somos mais rijos, mais firmes que todos os caracteres. Nenhum ha que resista a este tom carmineo, a este avelludado mais macio que o do pecego. Toca-nos com os labios e sentirás o choque de uma pilha electrica. Porque somos uma pilha: em vez de zinco e potassio, materia e gozo — a synthese da vida. Tu mesmo estás subjugado, prostrado... Não nos dobramos. Os caracteres dobram-se. Temos esta superioridade.

O VENTRE

Olha-me. Admira esta curvatura e busca na alma a suavidade d'este contorno, a maciez d'este tom que eu possuo. Vê em que parte d'alma existe a brusca chafradura que aqui está, ladeada d'estas duas coxas que emergem brancas como o leite, embriagadoras como o vinho, esplendidas como o Bello...

O COLLO

Offusco-te. Que virtude existe que se possa comparar a mim? Onde opulencia como a que ostento? Deslumbro-te, bem o vejo! Cerras os olhos? Levas as mãos á cabeça? Entonteco-te? Coitado! (Sorrindo) Se isto tudo te pertence!... Gosa!

OS CABELLOS

Devem ser muito bonitos os cabellos da alma! Dize-me: são éscarlates ou brancos? Os da carne, digo-t'o eu já: são estes. Negros como o odio, sedosos como o carinho. E sobre tudo longos. Vês? Eva já não carece da folha de parreira. Aperta-a contra ti: a cascata dos cabellos cobrila-a voluptuosamente.

A BOCCA

Beija-me. Nunca provaste o mel do Hymeto? Beija-me. Tenho no friso levemente rubro de meus labios, todos os sentimentos, bons e máus, grandes e mesquinhos, productores de heroes e de villões, factores de acções grandiosas e vis. Depende de quem une os seus aos meus labios. Recêbe com isso uma dupla excitação: moral e carnal. Sou precursora do amor e da acção. Experimenta; beija-me.

O AMANTE

E' exquisito: cala-se a alma e o corpo grita! (Sorpreso) Que é isso? Ouço gritos vermelhos, clamores rubros! Ah! a besta da carne berra!

(Os olhos, a perna, o seio, os cabellos, a bocca dansam deante da Imaginação do Amante uma dansa voluptuosissima. Cantam canções obscenas. Ha uma embriaguez de carne e vinho. Scintillações vibrantes atravessam-lhe a vista.)

O CORPO DA MULHER AMADA

Vem, amado! Quero, nova Abisag, aquecer este David, envelhecido pela philosophia. Vem, amado! Contorço-me no ante-gosto do prazer. Tudo é carne e gozo. A alma é importuna e inutil. Por ventura proporciona o prazer? Demos-lhe, quando muito, o logar de accessorio, de ornato. E' um bonito movel, mais nada. Fazer do culto pela alma o objectivo da existencia não é loucura, é ridiculo. Tudo se resume nisto: um corpo como eu. Vem, amado! Entrego-me palpitante: satisfaze-me.

O AMANTE

Eu era tolo. A alma seduziu-me, o corpo enlouquece-me. Residem o senso e a reflexão, monotonos e profundos, naquella; o gozo e a sensualidade, transitorios e deliciosos, neste. Ora, gozemos por hoje! A vida não é a virtude; é a apothese da carne. Olhos, tendes razão. Materia e gozo, eis a synthese da vida. Corpo, satisfazo-te. Juizo, particula divina, cala-te.

Animalidade, entrego-me. Berra, monstro de carne!

(Lança-se voluptuosamente ao corpo, aperta-o num longo amplexo animal).

Janeiro—1886.

ALCINDO GUANABARA

PALESTRAS FEMININAS

LIGA DA «TOILETTE» NACIONAL (*)

Na *Historia dos sete dias* do n. 73 d'A *Semana*, Filindal, com o espirito fulgurante e inexgotavel que todos lhe conhecemos, falou na fundação, em Londres, da «Liga da Toilettte Nacional.»

Rematou as suas judiciosas reflexões, lembrando que é meu o encargo de falar em modas nestas columnas, e eu apresso-me em obtecer á interpeção, dizendo algumas palavras rela-

tivas á projectada revolução na elegancia feminina.

A Viscondessa de Haberton, acompanhada por algumas formosas, elegantes e sensatas senhoras da aristocracia de Londres, intenta abolir os exaggeros e postigos da moda, formando para esse fim uma *Liga* soberana, donde espera ditar leis á despotica rainha. Conseguirá alguma coisa? Não sei.

Algumas senhoras terão razão para oppor uma resistencia tenace aos decretos racionais da *Liga*. Todos sabemos que muitos corpos desgraçados conseguem arremedar a elegancia com o auxilio do espartilho; e claro está que o salto á Luiz XV parece diminuir consideravelmente os pés; mas a maior parte, (com certeza todas as leitoras d'A *Semana*,) deformam-se por moda, e muito ganhariam em deixar admirar, libertas do espartilho, (instrumentos de tortura semi-selvagens) as suas formas ideaes.

Mas para supprimir os espartilhos, augmentando a elegancia, seria preciso remontarmos ao seculo V, ao tempo dos Gaulezes, ás amplas e graciosas tunicas e chlamydes de linho, seda, purpura e ouro; aos longos e transparentes véus, como unico adorno sobre os cabellos soltos ou em tranças; ou mesmo a mais tarde, aos Merovingios, Carlovingios e Capetos, isto até aos principios do XIV seculo (porque em 1350 começaram a ser usados os cabellos postigos, a que se seguiram os *vertugadins*, as *crinolines*, os *espartilhos*, as *collettes*, as *moscas*, etc., etc.)

Que deslumbrantes eram as mulheres de então!

As tunicas, fluctuantes ou justas, realçavam-lhes a belleza das formas, de linhas curvas e suaves; os mantos, presos nos hombros, ou ao peito por colxetes ou cadeias de ouro, davam-lhes um todo magestoso; os diademas sobre os cabellos soltos; os véus, os cintos, as joias riquissimas, tudo concorria para aformosear a mulher!

Hoje, comparadas com esses esplendores, são bem pobres as nossas *toilettes* de luxo.

Não eram conhecidos então postigos, apertos e arcos; os cabelleireiros não existiam; quando muito, prendiam as mulheres as tranças opulentas numa rede de tenuissimos fios de oiro.

Se a Viscondessa de Haberton pudesse fazer reviver as modas que usavam as formosas patricias gallo romanas! As tunicas e meias tunicas, presas unicamente nos hombros, por broches de camapheus, esmeraldas, saphiras ou rubins; as chlamydes de seda violeta, azul ou purpura, que, com tanta graça as envolviam; os véus bordados a palhetas de oiro e prata ou perolas, — presos no cabello com fitas, ou finos diademas de diamantes!

Se fossem adoptados, de novo, os cothurnos (riquissimas botinas sem salto—*peribarides*); então sim, affirmo que se abandonariam as *tournures* e os *puffs*, as cinturas exageradamente finas, e o calçado, que obriga as gentilissimas damas do nosso tempo a parecerem procurar continuamente no chão alguma cousa, que não perderam, e a dar saltinhos pretenciosos, para conservarem o equilibrio.

Não me parece que consiga grande mudança na vaidade feminina a «Liga da «Toilettte» Nacional.»

Estabeleceu, ha muito, a moda que a perfeição não tem por modelo as virgens de Raphael e Murillo ou a Venus de Milo; que o bello é transformar em linhas rectas as curvas e ondulações naturaes. Os espartilhos têm a vantagem de dar ao corpo da mulher, que se aperta de mais, a forma de um perfeito triangulo, desproporcionando-

lhes os contornos: usam as mangas franzidas e alteadas nos hombros, para tornal-os tambem rectos, e esconder o delicioso arredondado do principio do braço; nos braços, cobre-os a moda inteiramente, com mangas justas e luvas enrugadas; enfim, os pés são umas terríveis torturas, que fazem das senhoras de *tom*, umas verdadeiras martyres... sem canonização.

Mas... se é moda, se todas se vestem assim, se a *tyranna* consagrou todos estes absurdos anti-higienicos, concordemos tambem nós, por enquanto, com o gosto molerno, sempre com a esperança na Viscondessa de Haberton, Deborah libertadora da mais bella metade do genero humano—a mulher.

Para provar ás minhas leitoras a minha perfeita adhesão ás modas parisienses, (pobresinhas! talvez julgassem ter perdido a chronista actual, por ter ella abraçado completamente as ideias da *Liga!*) vou dar-lhes um modelo para uma *toilette* digna de realçar-lhes a belleza natural, na primeira noite em que forem admiradas, admirando e applaudindo o talento phenomenal de Sarah Bernhardt:

Vestido de *faulle* escaurlete.

Saia com *paniers* de renda preta ou *creme*, farto puff em pregas, da mesma renda. Corpo aberto, com reversos de setim irmanado, deixando ver um *fichu* de rendas cruzadas em pregas.

Chapéu de renda igual, com plumas escaurletes e pretas ou *creme*.

Lувas altas, pretas ou *creme*.

Que lindas ficarão!

ADELINA LOPES VIEIRA.

NO MEU PRESENTE

Venho do meu passado - céu de neve,
Sem estrellas, limpido céu do dia,
Por onde andou minha alma - pomba leve,
Vendo de longe o mundo que a não via.

No meu presente estou. Quanta alegria!
Que grande céu é este azul, que deve
Conter alguma esplendida magia?
Uma estrella, talvez, que fuija breve?

Mas, Deus! vejo essa esplendorosa estrella!
Te, ho-a junto de mim, posso prendel-a!
Oh quanto é bom o céu do meu presente!

—Filha, essa estrella és tu, que vens agora,
Depois que o céu do dia foi-se embora,
Fulgir no céu da noite resplendente.

ARTHUR MENDES.

27 de Abril de 1886.

BELLAS ARTES

« A' LA GLACE ELEGANTE »

Retrato do Sr. ... por Oscar Pereira da Silva.

Respeitavel boneco de pão, bezuntado de oca. Uma *bota* detestavel.

Augusto Duarte—Retrato de uma menina, com um passarinho ás mãos.

Maldicta foi a idéa do artista metter tão gorda pequerrucha em uma tela tão acanhada. A pequena parece, ali, fructo secco acondicionado em caixa de papellão. A cabeça não é má, o colorido é limpo e vivo, e o olhar tem brilho. Mas o corpo, as mãos!.. Em

todo caso... *le mauvais même a ses labeurs.*

Steffen. — Retrato de Sarah Bernhardt (*cópia de photographia*). Ao meu ver aquillo é prospecto de cartaz illustrado.

Para esquina de ruas vale alguma cousa.

A. Parreiras. — Estudos de paysagens. O joven artista trabalha muito.

Raros são os dias em que deixa de expôr estudos novos. Felizmente tem revelado talento e applicação, porém envolve os seus estudos em tons fracos que se fossem desfeitos em agua darian «branco de prata» a valer! é a anemia da cor. Em alguns, d'entre os ultimos, ha bem observados estudos de pedras.

SALÃO VIEITAS

Castagnetto. — Incomparavel laborioso, Expõe novos estudos de mariuha, que não desmentem o vigor de seus pinceis e o sentimento artistico da sua crescente individualidade.

Belmiro. — *Fundo de quintal*, quadro impressionista. — Não se vê céu nem arvores—apenas quatro paredes brancas. Encostada ao muro do fundo, uma caixinhola de tubos, *walter closet*. Um aprendiz de pintor, em mangas de camisa, mexe a colla em um velho tacho de cobre, posto ao lume. Enquanto o pequeno, assentado no banco de pinho, aprrompta a tarefa, o gallo espenheja-se no gallinheiro, remendado e pobre, que fica do lado opposto. E elle, o aprendiz, pobresinho! vae mexendo lentamente a colla, com uma enorme paciencia obrigada.

Não ha assumpto mais simples e mais rapidamente apanhado.

O pequeno é o que chamam os amadores— especie de gastronomos na pintura—um bom pedaço. E' aquillo que ali está; e nem erá possível ser de outra forma. Sinto muito não ter espaço para fallar d'esse pequenino quadro tão sincero e tão discordante do que se faz e se tem feito por aqui.

Mas... o tempq urge.

ALFREDO PALHETA.

NOSSOS OLHOS

A M...

Os colibris vão das rosas
Voando por longes céus,
Mas voltam logo aos esfolhos
Das mesinas flores graciosas...
São duas rosas teus olhos,
São dous colibris os meus.

Pede a relva suspirosas
Aragens... não escarcéus
Do vento que a deixa, aos molhos,
Beijando terras lodosas...
Das virações de teus olhos
Precisa a relva dos meus.

Mas como ao sol vão as rosas
Pedindo lhes rasgue os véus
Da noite, embora em desfolhos,
Mais tarde as deixe, saudosas...
Oh! dá-me o sol de teus olhos!..
Ha tanto orvalho nos meus!..

E como as ondas ditosas
Buscando vão dois illéus,
Embora contra os escolhos
Quebrem-se logo, ruidosas...
Nos dois rochedos teus olhos
Quebrem-se as ondas dos meus

E como as do mar chorosas
Phalanges, buscando os céus,
Ulúluu... sobem abrolhos...
Recúam silenciosas...

Longo fio azul de teus olhos
Geme o oceano dos meus!

EDMUNDO DE BARROS

SPORT

Com extraordinaria concurrencia e grande animação, realisou no domingo passado o Prado Villa Isabel as suas corridas. O programma, que em geral se compunha de animaes bons, constou de sete pareos, sendo elles perfeitamente preenchidos e renhidamente disputados.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1000 metros) correram nove animaes, sahindo vencedor d'entre elles *Didi*, em 70 segundos. *Serodio* teve o 2º lugar. *Verbena*, que venalmente foi corrida pelo jockey Fiusa, teve o 3º lugar. *Sultão* chegou em 4º lugar. Tambem correram *Tufão*, *Guacho*, *Pampeiro*, *Faustininho* e *Zizaina*, que atirou fora o jockey durante a corrida.

No 2º pareo (1000 metros) *Feiticieira*, em 71 segundos, bateu *Plutão II*, que chegou em 2º lugar, apezar de pessimamente corrido pelo jockey, que jámais teve semelhante profissão. *Judia* em 3º *Pip* em 4º lugar.

No 3º pareo (1450 metros) bateram-se renhidamente *Araby*, que teve o 2º lugar, e *Catana*, que, em 98 segundos, sahio victoriosa, apezar de mal corrida. *Ivon* teve o 3º lugar, *Italia* veio na bagagem. *Dora* não correu.

O 4º pareo (1609 metros) foi disputado por *Satan*, *Cheapside*, *Fanfarron* e *Coupon*, que, em 106 segundos, obteve a victoria. *Fanfarron* chegou em 2º lugar. *Cheapside* teve o 3º lugar, mostrando visivelmente poder fazer melhor corrida, se não fossem as instrucções que o jockey recebeu... *Satan*, um dos peiores animaes de corrida que apparecem pelos nossos hippodromos, carregou a bagagem. *Malstron* não correu.

No 5º pareo (1000 metros) correram *Diana*, *Pansy*, *Dr. Jenner* e *Françoise*, que, em 66 segundos, e carregando muito mais pezo, bateu o bacamarte *Dr. Jenner*, que teve o 2º lugar. *Pansy* o 3º. *Norma*, *Martin*, *Africana* não correram.

No 6º pareo (1609 metros) mais uma vez *Aymoré*, em 107 segundos e sem ser tocado, sahio victorioso. *Bonita* fez boa corrida e está melhorando; teve o 2º lugar. *Mandarin* o 3º. *Intima* e *Savana* vieram na bagagem. *Regalia* não correu.

No ultimo pareo (1000 metros) *Druid* fez uma boa corrida, vencendo os seus contendores em 68 segundos. *Biscaia* perdeu o feitio, chegou em 2º. Tambem correram *Mascotte*, *Africa*, *Alteza* e *Pretoria*. Não correu *Bonita*.

Cedo terminou o divertimento sem que a boa ordem fosse perturbada.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do Derby Club. O programma, que é regular, compõe-se de oito pareos, todos compostos de bons animaes, em grande numero e com as forças mais ou menos equaladas pela distancia, o que tornará necessariamente difficil a luta entre elles, e os pareos bem disputados.

Sentimos sinceramente que no programma não figurem os valentes e conficcidos bons parceiros das distinctas e importantes coudearias Alliança e Cruzeiro. Esperamos que para outra vez não tenhamos de ver passar por esse desgosto a distincta sociedade do Derby Club, que é merecedora dos melhores auxilios.

Chamamos a atenção dos amadores para a nossa ultima pagina, onde encontrarão o programma, que indubitavelmente é digno de nelle se palpitar. Acertem. E sejam felizes.

L. M. BASTOS

FACTOS E NOTICIAS

Amanhan o *Club Athletico*, que tão boas sympathias tem conquistado da gente de bom gosto, proporcionará aos seus socios mais uma festa.

Como se vê pelo programma annuciado na competente secção, haverá oito parcos, d'entre os quaes se destaca o de velocipedes, no qual o famoso amador, L. de Azevedo, se propõe a correr dentro de uma hora 30 kilometros.

A função, por conseguinte, não pode ser mais attrahente e é de suppor que as formosas *habitues* do *Club Athletico* não deixarão de abrilhantal-o com a sua presença.

Escaravelho já não é d'este mundo. Vae rolar as suas *maçans* na Europa. Sobre a memoria da *Psychologia da Imprensa* vertamos... lagrimas.

RECEBEMOS

- *Correio da Europa*— n. 10.
- *A nossa gente pequena*— ns. 8 e 9. Orgão destinado á mocidade methodista.
- *Noventa e tres*— Orgão do Gremio litterario Victor Hugo (installado no Collegio Pujol em Mendes).
- *Equador*— n. 3 Recife.
- *Decimo Districto*— n. 1 Valença.
- *Pharos*— n. 115 Juiz de Fora. Este numero dedica uma pagina litteraria á memoria d' V. Hugo.
- *Methodista catholico*— n. 9.
- *O Mensageiro*— n. 2 Maranhão.
- *Revista de Hygiene*— n. 1, anno 10.
- *A martyr*— romance de d'Ennery Tradução de Oscar Pederneiras— Vamos lê-lo.
- *Os Rodrigues do Imperio*. Ceará.
- *União Médica*— Fasciculo 4, anno VI.
- *Distração*— 84.
- *Verdades em therapeutica* por A. J. da S. Braga Junior.
- *A Estação*— de 31 de maio. Rica de figurinos e moldes muito elegantes; supplemento com bellas gravuras, bella prosa de Machado de Assis e Eloy, o heróe e bellos versos de Alberto de Oliveira.
- *A mão de familia*— n. 19 Não nos cansaremos de recommendal-a ás mães de familia.

ANNUNCIOS

Lindolpho Coimbra— Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo.
Rua de Santo Antonio—Santos.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

F. Navarro de M. Salles.—encarrega-se de defezas perante o jury.
Muzambinho—Minas.

J. M. Villas Bôas da Gama.—dentista—extrahe dentes sem dór.
Muzambinho—Minas.

Dr. João Botelho. medico e operador; molestias veneroas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO
PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a espectiva taboleta—annuncio.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

6 RUA DO CONDE DE BOMFIM 6

GRANDE FESTA EM 6 DO CORRNETE

PROGRAMMA

- 1º Pareo**—160 metros—Corrida rasa para moços de 13 a 16 annos com vantagens. Premios: 1º um relógio de ouro meio patente, corda pelo pé. 2º Um album de madeira esculpida—13 inscriptos.
- 2º Pareo**—150 metros—Corrida rasa para meninos de 8 a 12 annos, com vantagens. Premios: 1º Uma escravanhina de prata de lei. 2º Uma pasta de pellucia e bronze esmaltado—31 inscriptos.
- 3º Pareo**—1,500 metros—Velocipedes para homens, com vantagens. Premios: 1º Um alfinete com brilhantes e saphira para gravata. 2º Um alfinete com rubim para gravata—6 inscriptos.
- 4º Pareo**—180 metros—Corrida rasa para socios que ainda não levantaram premio. Premios: Um alfinete com brilhantes e coral rosa para gravata—24 inscriptos.
- 5º Pareo**—600 metros—Velocipedes para meninos, com vantagens. Premios: 1º Uma guarnição com brilhantes. 2º Um alfinete com perolas e rubins para gravata—8 inscriptos.
- 6º Pareo**—600 metros—Corrida rasa para homens, com vantagens. Premios: 1º Um alfinete Bargossi com brilhantes. 2º Uma bengala de ebano com castão de prata—38 inscriptos.
- 7º Pareo**—6.000 metros—Grande pareo CLUB ATHLETICO FLUMINENSE—Corrida rasa para homens. Premios: 1º Uma medalha de ouro commemorativa. 2º Medalha de prata idem. 3º Medalha de cobre idem—19 inscriptos.
- 8º Pareo**—30.000 metros—Velocipedes para homens—3 inscriptos. Premios: Medalhas de ouro commemorativas.

ALBERTO WELLISCH, 1º secretario.

AVISO

O 1º pareo principiara impreterivelmente ás 11 1/2 horas da manhã. Tendo se recebido algumas inscrições de pessoas estranhas ao Club, ficam as respectivas joias á disposição de quem as enviou, visto como a directoria só accceita inscrições de socios.

DERBY-CLUB

GRANDES CORRIDAS A REALISAR-SE

EM 6 DE JUNHO DE 1886

AS 11 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo — DERBY-CLUB — 1.750 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Intima.....	Castanho.....	5 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Encarnado e ouro.....	D. A.
2	Guanaco.....	Alazão.....	6 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

Segundo pareo — INITIUM — 1,200 metros — Potros e potranças nacionaes de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.

1	Feiticeira.....	Alazão.....	2 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Rosa e grenat.....	Coudelaria Modesta.
2	Flotsan.....	Zaino.....	2 »	S. Paulo.....	47 »	Vermelho.....	A.
3	Plutão II.....	Douradilho... 2 »	Idem.....	Idem.....	47 »	Velludo azul e grenat.....	Lazaro Lima.

Terceiro pareo — LEMGRUBER — 1,450 metros — Animaes estrangeiros que não tenham ganho no Derby — Premios: 600\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.

1	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra....	47 kilos	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
2	Gazida.....	Idem.....	3 »	França.....	47 »	Azul e amarello.....	Idem Luso.
3	Victoria.....	Zaino.....	2 »	Inglaterra....	43 »	Vermelho.....	Idem Ypiranga.
4	Satan.....	Castanho.....	3 »	França.....	49 »	Grenat e ouro.....	Idem Luso-Platense.
5	Frangoise.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Verde, branco e encarnado.	Idem R. M.

Quarto pareo — DR. FRONTIN — 1.609 metros — Animaes do paiz até puro sangue, que não tenham ganho no pareo Derby-Club — Premios: 800\$ ao primeiro e 160\$ ao segundo.

1	Macaréo.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
2	Boyardo.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Branco e estrellas azues...	Idem Guanabara.
3	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro.	Idem Paulista.
4	Electrica.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	54 »	Enc., mangas azues e faixa.	C. M.
5	Diva.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro.	54 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
6	Baioco.....	Castanho.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Quinto pareo — PROGRESSO — 1.609 metros — Animaes até meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.

1	Bonita.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul e encarnado.....	J. Machado.
2	Intima.....	Castanho.... 5 »	Idem.....	Idem.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
3	Regalia.....	Vermelho.... 5 »	Idem.....	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.
4	Druid.....	Tordilho.... 3 »	R. de Janeiro.	49 »	Idem.....	Idem.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Aurora.....	Alazão..... 3 »	S. Paulo.....	47 »	Vermelho.....	Idem.....	Coudelaria Ypiranga.
6	Mandarim.....	Rosilho..... 3 »	Idem.....	49 »	Azul e manchas encarnadas	Idem Paraiso.	
7	Serodio.....	Castanho.... 5 »	R. G. do Sul..	54 »	Azul e branco.....	Idem.	J. Joppert.

Sexto pareo — RIO DE JANEIRO — 2.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo.

1	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 annos	Rio da Prata.	49 kilos	Grenat e our.....	Coud. Luso-Platense.
2	Fanfarron.....	Alazão..... 4 »	França.....	52 »	Branco e encarnado.....	Idem.	Oliv. Junior & Lopes.
3	Taillefer.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	54 »	Encarnado e mangas azues	Coud. Americana.
4	Phrynéa.....	Castanho.... 4 »	Inglaterra....	52 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.	
5	Damietta.....	Idem.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e ouro.....	P. F.

Sétimo pareo — SEIS DE MARÇO — 1,450 metros — Animaes do paiz até meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo.

1	Villa Nova.....	Zaino.....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
2	Biscaia.....	Alazão..... 3 »	S. Paulo.....	47 »	Azul e amarello.....	Idem.	A. S. S.
3	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
4	Araby.....	Alazão..... 3 »	R. de Janeiro.	49 »	Ouro e encarnado.....	Idem.	D. A.
5	Aranha.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
6	Aurora.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Vermelho e preto.....	Idem, idem.
7	Pretoria.....	Libuno..... 5 »	Idem.....	Idem.....	52 »	Cinzento.....	Idem.
8	Nicoafy.....	Castanho.... 3 »	Paraná.....	49 »	Azul e amarello.....	Idem.	A. C.
9	Peralta II.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e amarello.....	J. P.
10	Ivon.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Preto, encarnado e branco.	C. P.
11	Alteza.....	Libuno..... 5 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	Idem.	Idem.

Oitavo pareo — ESTRADA DE FERRO PEDRO II — 1450 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo.

1	Didi.....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
2	Zaire.....	Gateado.... 4 »	Paraná.....	52 »	Azul e encarnado.....	Idem.	Coud. Amadores.
3	Sultão.....	Libuno..... 3 »	Minas Geraes	49 »	Grenat e manchas azues...	Idem.	F. Vaz.
4	Eucharis.....	Tordilho.... 5 »	Paraná.....	57 »	Branco e encarnado.....	Idem.	Oliv. Junior & Lopes.
5	Zizaina.....	Castanho.... 3 »	R. de Janeiro.	47 »	Cereja, verde e amarello...	Idem.	V. M.
6	Savana.....	Idem.....	4 »	R. G. do Sul.	50 »	Granada e rosa.....	F. G.
7	Orione.....	Alazão..... 6 »	Rio da Prata.	47 »	Azul e ouro.....	Idem.	Coud. Santa Cruz.
8	Verbena.....	Castanho.... 3 »	R. de Janeiro.	54 »	Azul e amarello.....	Idem.	Idem.

Pelo 2º secretario, MARCOS DE MELLO.